

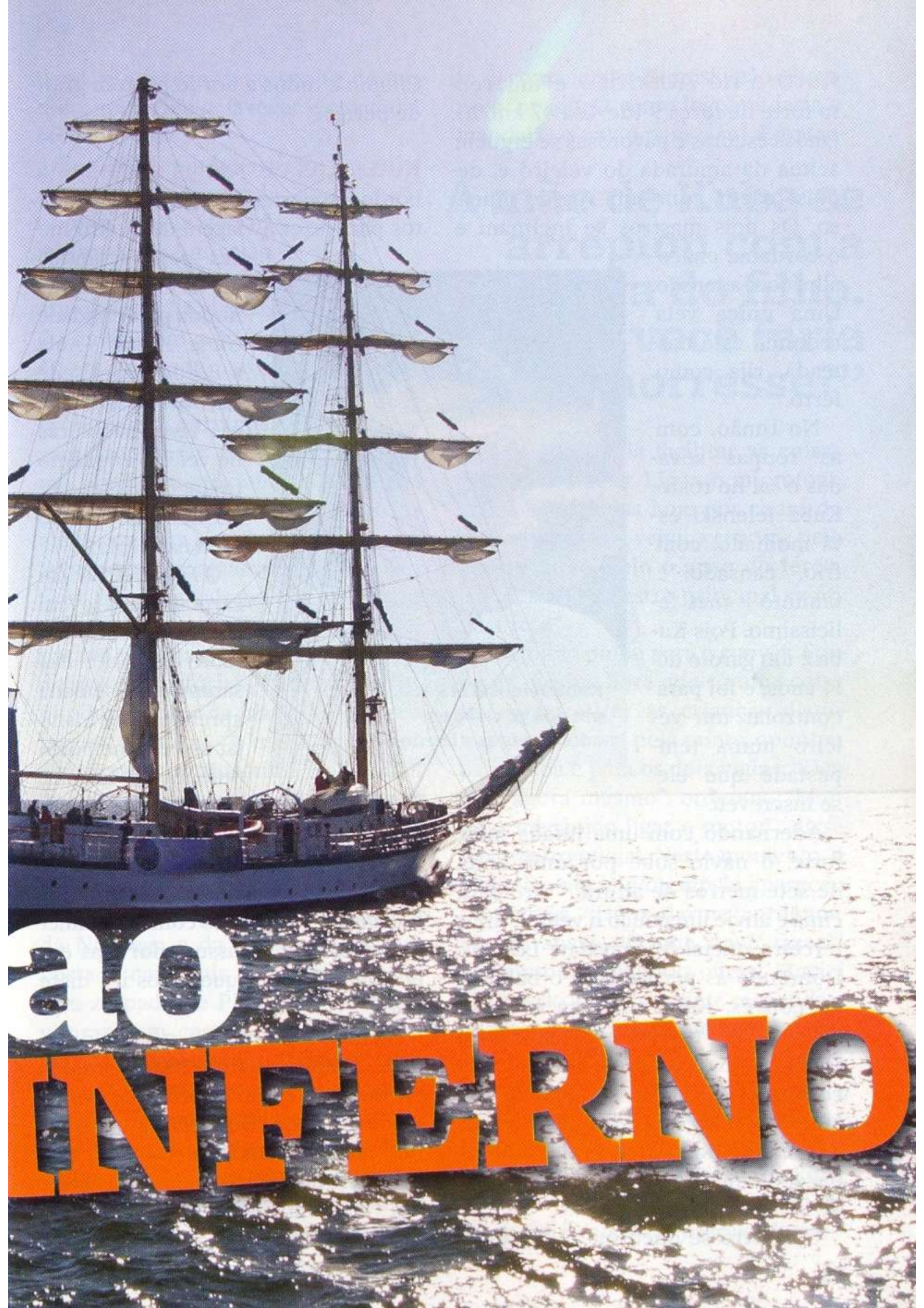


**Para os jovens poloneses, a viagem de veleiro até o Caribe era a realização de um sonho. Aí, veio a tempestade.**

**POR JOHN DYSON**

# Viagem

FOTO: © ZBIGNIEW BOSEK



ao

**INFERNO**

**Aurora no Atlântico** e um vento forte de força 9 (de 41 a 47 km/h). Ondas escuras e pavorosas se erguem acima da amurada do veleiro e, depois, caem com um rugido imenso. Os dois mastros se inclinam e o cordame chacoalha com a tensão. Uma única vela redonda está hasteada, rija como ferro.

No timão, com as roupas sovas e sal no rosto, Kuba Jelenski está molhado, com frio, cansado e faminto – mas felicíssimo. Pois Kuba é um garoto de 14 anos, e foi para controlar um veleiro numa tempestade que ele se inscreveu.

Adernando com uma lufada mais forte, o navio sobe por uma onda de sete metros de altura. “Vire para cima e alivie um pouco o vento”, diz o terceiro oficial Mieczysław Lesniak. Dobrando as pernas com o balanço do convés, Kuba empurra o timão. Ouve-se um trovão, e o navio todo treme. Kuba ergue os olhos e mal consegue acreditar no que vê. As luzes de navegação vermelhas e verdes no alto do mastro pendem no espaço, em meio a uma massa cadente de fios e fagulhas.

O mastro se quebrou. O *Fryderyk*

*Chopin* e todos a bordo correm grande perigo.

**Kuba e as outras 35 crianças** a bordo concorreram com 650 candidatos para fazer a viagem de quatro meses pelo Atlântico até o Caribe. Organizada pela entidade *Class Afloat* (Aula a Bordo), com sede em Varsóvia, a ideia era viver aventuras no veleiro enquanto frequentavam as aulas normais que teriam na escola.

O *Fryderyk Chopin* zarpou com a jovem tripulação em outubro de 2010. Passaram uma semana aprendendo a manejar as velas no porto polonês de Gdynia:

todos os 198 cabos tinham de ser encontrados instantaneamente, mesmo no negrume das noites no Atlântico. No final do treinamento, as crianças escalavam os mastros como marinheiros veteranos. “É assustador mas empolgante, e todos queremos ir”, disse Kuba.

Ziemowit Baranski, o comandante de 76 anos e barbas brancas, sabia exatamente como se sentiam. Com a idade de Kuba, ele sonhava em ir para o mar, mas essas coisas não eram possíveis no regime político da época. Em vez disso, tornou-se professor de Química. Quando a Polônia se libera-



**Kuba Jelenski era um dos 36 cadetes adolescentes a bordo.**

lizou, ele retornou ao sonho de menino, aprendeu a navegar e chegou a comandante.

Em 1990, ajudou a construir o *Fryderyk Chopin*, brigue de 55,5 metros com um salão forrado de madeira. Aquela era a 11ª viagem do navio com a *Class Afloat*. Enquanto navegavam pelo Báltico, os professores participavam das tarefas no convés. Ao mesmo tempo, os três oficiais e os dois contramestres, todos voluntários, ajudavam com as aulas. É claro que o comandante contava histórias do mar. Com os olhos calmos e azuis incrustados num mar de rugas, Baranski, para as crianças, era um personagem de livro de histórias. Também era inspirador: apesar da idade, ainda escalava os mastros. “A meta da viagem é aumentar a autoestima e a confiança por meio da luta com algo maior do que nós”, disse às crianças. “Não é um treinamento para se lançar ao mar, mas para se lançar à vida.”

Pararam em portos da Dinamarca, da Noruega e da Inglaterra. A tempestade caiu dois dias depois de terem zarpado de Plymouth. As aulas viraram um castigo enquanto o navio balançava e mergulhava, e todos lutavam contra o enjoo. Aliviaram o estômago com gelatina e pudim instantâneo, brincando que era melhor comer coisas que fossem gostosas quando desciam e quando subiam.

Agora o navio se inclinava para oes-

te. O comandante Baranski não estava preocupado. O vento logo mudaria e mandaria o navio para o sul. Enquan-

## **A mãe de Kuba se arrepiou com a pergunta do filho. “Mãe, o que você faria se eu morresse?”**

to isso, ele podia facilitar as coisas para as crianças. Ligou o microfone. “Aulas canceladas hoje por causa do mau tempo!”, trovejou a sua voz pelo navio. Então, veio o grito do terceiro oficial: “O mastro principal se foi, quebrou!”

O capitão pulou para o convés. Soube na mesma hora que só uma coisa importava: tirar as crianças daquilo vivas. Correu pela ponte, apontou para Kuba e para os dois vigias: “Desçam agora mesmo”, ordenou. “Mande o mecânico ligar o motor”, disse ao terceiro oficial. Neste momento, o primeiro oficial Potempski apareceu no convés. “Dê o alarme”, ordenou-lhe Baranski. “O que devo fazer?”, perguntou o segundo oficial Maciej Ostrowski. O comandante respondeu: “Mantenha as crianças fora de perigo.”

**Na sala de rádio**, Potempski transmitiu o alarme automático via satélite para os centros de resgate e para outros navios de toda a Europa. Em seguida, mandou um pedido de ajuda. “Veleiro *Fryderyk Chopin* +

mastro do traquete quebrado + ajuda imediata necessária”, escreveu.

Na luz fraca do amanhecer, Baranski e os oficiais fizeram o inventário. As avarias eram assustadoras. O gurupés de 10 metros, que normalmente se projetava orgulhoso sobre o mar, estava torcido para cima e para fora. O mastro de aço do traquete, com 37 metros de altura e seis vergas horizontais nas quais se hasteavam as velas redondas, estava dobrado em dois pontos, formando um “N”, e balançava com o movimento do navio. De vez em quando, batia no casco como uma bola de demolição. O alto do mastro pendia reto de um arame chamado estai, a outra ponta presa ao mastro principal.

## De repente, o gurupés caiu no mar, levando os cabos. A tripulação se assustou.

**Era de arrepiar.** Se o mastro principal fosse derrubado pelo peso do mastro do traquete, ambos poderiam cair no convés. Vergas em forma de torpedo, com até nove metros de comprimento, poderiam trespassar o convés e atingir quem estivesse se protegendo embaixo. Além disso, tanto o timão quanto a ponte de onde o comandante controlava o navio ficavam diretamente sob o mastro principal, assim como a sala de mapas e a de rádio, protegidas apenas por um

teto fino de metal. Ele podia mandar alguém até o alto do mastro cortar o estai, reduzindo a tensão sobre o mastro principal. Mas Baranski descartou a ideia como equivalente a um assassinato.

Ouviu-se um rugido quando o motor foi ligado. Os contramestres conferiram os cabos de arame que passavam pela lateral do navio. O motor, em “avante lento”, tornou governável o navio avariado. Conforme a embarcação avançava pesadamente, sem velas para aprumá-la, o comandante a deixou de través para o vento, para aumentar a chance de o cordame cair no mar.

Amontoados no pequeno refeitório sob o convés, agachados no corredor e deitados em catres, Kuba e as

outras crianças escutavam os barulhos lá em cima e tentavam entender o que acontecia. “Vistam as roupas mais quentes e se preparem para evacuar o navio”, dissera-lhes um professor. Alguns enfiaram

documentos e barras de chocolate nos bolsos internos. “O comandante cuidará de nós”, diziam uns aos outros, e essa ideia os mantinha calmos. Torciam para que não fosse o fim da aventura, mas, por precaução, começaram a assinar as camisetas uns dos outros como lembrança. Os cinco que tinham violão começaram a tocar e cantar músicas do mar. Os marinheiros e professores cantaram junto.

“Não há vazamento, logo não vamos afundar”, disse o segundo oficial Os-

**A ventania destruiu o mastro principal, o de traquete, e o gurupés; o cordame ameaçava prender a hélice.**



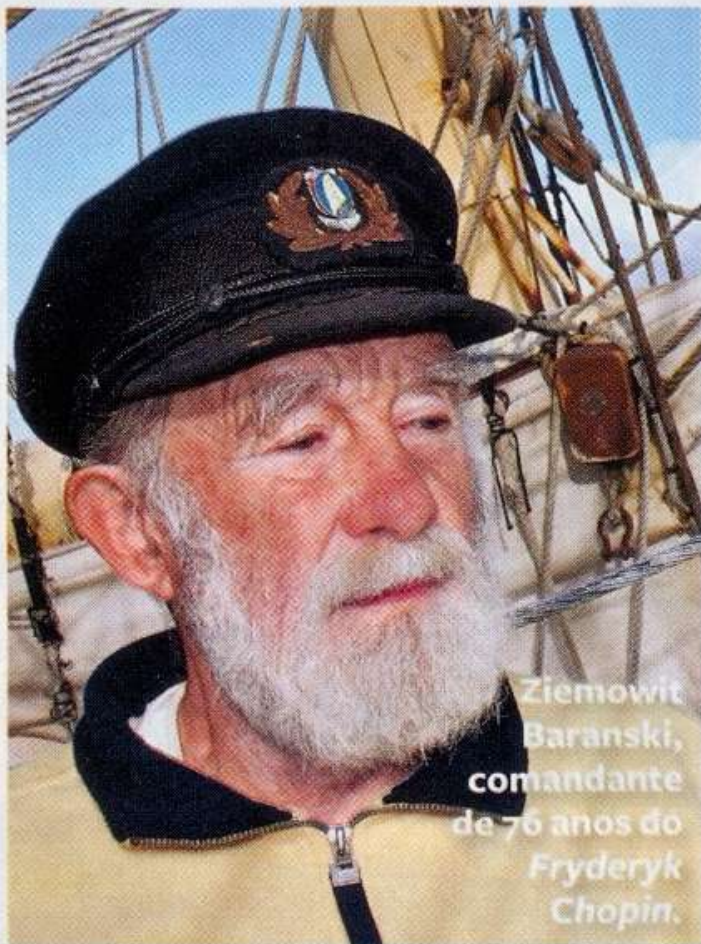
trowski para tranquilizá-los. “Não há fogo. O motor está funcionando. Não precisamos nos preocupar.”

Mas o barulho do cordame batendo no casco era ameaçador. Um estrondo parecido com um tiro assinalou o esmagamento de uma escotilha. Para Kuba, parecia que o navio seria feito em pedacinhos.

**Num pontal em Falmouth,** na Cornualha, o Centro de Coordenação de Resgates recebeu o alarme do veleiro. Imediatamente, entraram em modo de emergência, transmitindo a mensagem para outros navios na área. Com isso, a traineira *Bara An Aod*, que pescava ali perto, içou as redes e seguiu a toda para o local. O pesqueiro cornoico *Nova Spero*, embora a nove horas de distância, fez o mesmo.

O porta-contêineres *MSC Nerissa* interrompeu a viagem de Nova York a Bremerhaven, e o navio-tanque grego *Overseas Andromar*, que ia de Charleston a Ijmuiden, alterou a rota. Os helicópteros de resgate da Força Aérea britânica sobrevoaram o navio e, depois, pousaram nas ilhas Scilly, a 158 km, ficando a postos como último recurso.

Quando a notícia dos apuros do navio se espalhou, os poloneses que moravam em Falmouth ofereceram ajuda. Navios distantes também se colocaram de prontidão. Em Grodzisk Mazowiecki, perto de Varsóvia, Beata, a mãe de Kuba, junto ao rádio com os filhos menores, se arrepiava com a lembrança da pergunta que o filho lhe fizera antes de zarpar. “Mãe, o que você faria se eu morresse?”, perguntara



Ziemowit  
Baranski,  
comandante  
de 76 anos do  
Fryderyk  
Chopin.

ele. Ela ligou para o marido Tomasz e lhe disse: “O comandante fará todo o possível para cuidar das crianças. Só nos resta confiar nele.”

**De repente**, um forte estrépito e um guincho de metal se atritando. Todos os homens que estavam no convés se seguraram, à espera de que o aparelho e o cordame do navio caíssem sobre a cabeça deles. O terço superior do mastro principal tinha se quebrado e pendia perigosamente acima das salas de mapas e de rádio, com as vergas ainda presas. Sem nada para segurá-la, a parte superior do mastro do traquete emborcou e se arrastou no mar. Cabos, arames e velas pendiam por todo lado. “Desliguem o motor!”, ordenou o comandante, para evitar que os cabos se emaranhassem na hélice.

Agora, o navio era um casco à deriva. Nesse momento o gurupés, que se projetava na proa do navio, caiu no mar, levando junto os cabos. A tripulação se assustou.

Um dos contramestres era um professor de inglês de 29 anos, chamado Adam Kantorysimski. Conhecia o navio tão bem quanto Baranski, porque seu pai o comandara no passado, e percebeu que era vital prender o cordame. Tratava-se de uma tarefa perigosíssima, talvez fatal, mas o navio podia naufragar se isso não fosse feito. Com relutância, o comandante permitiu que tentasse.

Com o terceiro oficial Lesniak, Adam estudou a teia de cabos emaranhados e traçou um plano. Cautelosamente, eles escalaram o mastro do traquete e se penduraram, segurando cordas. Quando o cordame avariado bateu no mastro, Adam viu a oportunidade, se lançou para fora com uma corda, jogando-a sobre os degraus de uma escada soldada ao alto do mastro. Assim, conseguiu impedir que voltasse a balançar para além do bordo. Mergulhando pelo fatal emaranhado, os dois marinheiros conseguiram finalmente fixar o mastro.

Em seguida, Alex subiu na carangueja, uma verga de aço que pendia sobre a ponte e o convés de popa, e nela enrolou mais cordas. Pouco a pouco, o navio ficou mais seguro. Mas ainda estava muito longe da costa.

**As autoridades** em terra insistiam que as crianças tinham de abandonar o navio. Mas Baranski não concordou.

“Elas estão mais seguras onde estão”, respondeu pelo rádio.

Algumas embarcações que responderam ao pedido de ajuda se aproximavam. O navio-tanque e o porta-contêineres assomaram no horizonte e assumiram posição a barlavento, tentando proteger o *Fryderyk Chopin* dos efeitos do mau tempo. Mas só no fim da tarde chegou um navio adequado para rebocar o veleiro: o pesqueiro *Nova Spero*. Com cabos do navio-

tanque grego, o comandante Shaun Edwards se aproximou cuidadosamente da proa do *Fryderyk Chopin* e lhe jogou a linha. Os contramestres poloneses içaram-na a bordo e prenderam-na bem. No crepúsculo, o barco de pesca virou-se para a Inglaterra e, obediente, o veleiro seguiu atrás.

**Assim, depois** de outros três dias

muito difíceis em mar revolto, o *Fryderyk Chopin* conseguiu finalmente chegar ao porto de Falmouth. “Kuba, querido, você está vivo!”, gritou Beata, sua mãe, ao telefone. Pessoas solidárias serviram pastéis quentes às

**“O comandante cuidará de nós”, diziam as crianças umas às outras, e essa ideia as manteve calmas.**

crianças, enquanto estas eram levadas ao cais. A aventura em alto-mar terminara. Mas as lições que aprenderam e o impacto que o comandante e a sua corajosa tripulação lhes causaram permanecerão com eles por anos a fio. “Dizem que o nosso comandante é o melhor da Polônia”, afirmou Kuba, “mas acho que ele é o melhor do mundo.”

## DEFINIÇÕES

**Um dia, pouco antes** de ir à escola, enquanto fazia as tarefas escolares, meu filho de 9 anos, Robbie, perguntou se poderia trazer um amigo para me conhecer.

– Claro – respondi. – Mas você sabe como nos apresentar?

Então expliquei que ele deveria me dizer o nome do colega e algo a seu respeito, e depois fazer o mesmo comigo. Ele ficou satisfeito com a explicação e fez que “sim” com a cabeça quando eu perguntei se tinha entendido. À tarde, Robbie chegou em casa e começou com as apresentações:

– Mãe, esse é o Freed, ele é faixa preta em caratê! E essa é minha mãe.

– continuou. – Que é muito cuidadosa com os tapetes.

*Irma Morrrison*